



ROCHA, Wesley Henrique Alves da. **Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus: saltando os muros da subalternidade**. Salvador: Devires, 2021.

Wesley Henrique Alves da Rocha é um estudioso da literatura negro-brasileira; é Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso; Licenciado em Pedagogia pela União Brasileira de Faculdades; Mestre em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso e, atualmente, é doutorando nesse mesmo programa. Além disso, o autor também se dedica aos escritos literários; tendo publicado poemas e contos que abordam temáticas intrínsecas à negritude brasileira.

A obra *Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus: saltando os muros da subalternidade* (2021) é resultado da dissertação de mestrado do referido estudioso. Sendo composto por três capítulos, o texto traz uma argumentação rica em referencial teórico decolonial que nos dizem da ideia central defendida pelo autor: Carolina Maria de Jesus fez da literatura o instrumento possível para saltar os muros da subalternidade. Para tanto, a multidisciplinaridade é utilizada como trilha metodológica, ou seja, diversos conhecimentos (psicologia, sociologia, política e crítica literária) são incorporados na dissertação, a fim de enriquecer e dar maior concretude ao trabalho.

No capítulo I, intitulado *O incômodo chamado Carolina Maria de Jesus*, nos é apresentado a biografia da escritora Carolina Maria de Jesus e, concomitantemente, os modos pelos quais a sociedade brasileira se incomodou com a presença de uma mulher negra e favelada no celetó (ou melhor, colonial) ambiente literário.

Já no capítulo II, o autor faz um apanhado teórico e histórico acerca da literatura afro-brasileira, a pós-colonialidade e a produção periférica de mulheres negras, bem como traça uma relação interseccional entre essas temáticas. No capítulo III, a obra *Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus*, é analisada (em uma perspectiva multidisciplinar) por meio de categorias analíticas, sendo elas: casas e afetos; diáspora; gênero, raça e classe social. A partir dessas categorias, o autor evidencia que as casas pelas quais Carolina passou exerceram um papel importante na construção de sua subjetividade. Nas palavras do autor: “[...] as casas afetivas de Carolina apontam para a resistência da autora, no sentido de que destacam as lutas para a sobrevivência cotidiana da mulher negra, pobre e mãe solo.” (p. 101). Quanto a categoria



analítica *diáspora*, o autor inova e faz algo pouco visto nos estudos literários. Ele analisa o texto literário carolineano por meio da cartografia literária. Isto é, a partir de um mapa que demonstra os trajetos percorridos pela escritora, o autor conclui que: “A maioria dos lugares percorridos por Carolina já apresentava significativo histórico de idas e vindas de grupos marginalizados, como negros e nordestinos.” (p. 107). Dessa forma, o autor nos diz que é possível entrever que os descolamentos de Carolina podem ser lidos como desdobramentos da diáspora dos povos negros, pois “[...] os deslocamentos da escritora foram forçados, visando sempre o trabalho/subsistência ou a busca de tratamento médico.” (p. 107)

Em relação ao *gênero, raça e classe social*, o autor evidencia que as opressões sofridas pela escritora eram triplas. Foi oprimida por ser mulher, oprimida por ser negra e oprimida por ser pobre. Tudo isso dificultou a permanência da escritora nos holofotes da literatura brasileira. No entanto, ela não esmoreceu. Continuou escrevendo e fez da literatura o instrumento para a sua ascensão. A simples, mas potente, presença de Carolina nos ambientes literários abalou a estrutura da dominação masculina e branca desse lugar. Assim, a escritora salta o muro da subalternidade e reivindica o seu espaço historicamente negado, o espaço de protagonista de sua própria história, o espaço de produtora de literatura. Além disso, esse movimento subversivo abriu o caminho para que outras escritoras negras surgissem no cenário nacional e fizessem com que suas vozes fossem ouvidas.

Outro ponto importante apontado pelo autor é o chamamento para que os/as pesquisadores/as saltem os muros da hegemonia do conhecimento e se dediquem cada vez mais a pesquisar as escritoras e escritores subalternizados. Pois só assim é que conseguiremos derrubar de vez esse muro subalternizador para que não seja mais necessário saltá-lo.

A obra é uma importante contribuição para os estudos decoloniais. Haja vista que foge do vício em vincular a escritora Carolina Maria de Jesus a uma imagem de favelada que escreveu um diário e teve a sorte de publicá-lo graças a ajuda do repórter Audálio Dantas. Esse livro nos mostra uma Carolina que de fato era escritora, que nunca desistiu da literatura apesar de toda as dificuldades e de todos “críticos literários” que diziam que sua escrita não era literária. A Carolina Maria de Jesus que vemos nesse trabalho é uma escritora obstinada e subversiva, que assim que aprendeu a ler e escrever começou a resenhar o seu projeto literário.

Resenhado por: *Giselly Beatriz da Silva Marcelino*. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso

1. Mestranda do Programa de Pós-Graduação/ Universidade Federal de Rondonópolis.



(PPGEL/UFMT) e estudiosa do legado carolineano. Possui licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (2017). Especializada em Artes na educação: dança, música e teatro pela Faculdade Fleming (2022). Especializada em Estudos e Práticas de Cultura pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (2023). Atualmente é professora/pedagoga na rede privada de educação. Atua principalmente nas áreas de dança, educação e relações étnico-raciais.